

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB



**INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

MILENA ANDRADE

OS ELEMENTOS DA NATUREZA COMO BASE PARA UM PROCESSO CRIATIVO

**BRASÍLIA
2025**

MILENA ANDRADE

Os Elementos Da Natureza Como Base Para Um Processo Criativo

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, como requisito para a conclusão de Licenciatura em Artes Cênicas, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Giselle Rodrigues de Brito.

BRASÍLIA
2025

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 - NATURE-DEFICIT DISORDER: UM CONCEITO DE DESCONEXÃO COM A NATUREZA	8
CAPÍTULO 2 - CRIATIVIDADE	14
CAPÍTULO 3 - OS ELEMENTOS DA NATUREZA NO PROCESSO CRIATIVO	21
3.1 PROCESSO CRIATIVO: TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	23
3.2 O AVESO DO MEU EU	30
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
APÊNDICE A - PLANO DE ENSINO 8º ANO “C”	38
APÊNDICE B - PLANO DE ENSINO 9º ANO “A” E “B”	40

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Brasileiros querem mais contato com a natureza	11
Figura 2 – Brasileiros que não percebem os benefícios que as áreas de conservação podem trazer	11
Figura 3 – A obra “Tropicália”	14
Figura 4 – Vista aérea do Centro de Educação e Cultura Burle Marx no Instituto Inhotim	15
Figura 5 – Alunos do 9º ano realizando exercício na quadra de esportes	22
Figura 6 – Alunos do 8º ano “C” representando o elemento água	26
Figura 7 – Alunos do 8º ano “C” representando o elemento ar	26
Figura 8 – Alunos do 8º ano “C” representando o elemento fogo	26
Figura 9 – Alunos do 8º ano “C” representando o elemento terra	27
Figura 10 - Sant, Sudré, Passarinho e Gabor realizando um exercício de expressão	29
Figura 11 – “Passarinho” fazendo experimentação de movimentos do incenso	30
Figura 12 - Sant fazendo experimentação de movimentos do incenso	30
Figura 13 - Sudré representando o elemento água através de seus movimentos	31
Figura 14 – Sant (vestido de preto) e Gabor (de branco) representando o ar e fogo, respectivamente	31
Figura 15 - Gabor realizando exercício de movimentos que representasse o elemento fogo	32
Figura 16 - Lucas Passarinho executando movimentos que representasse os elementos terra	32
Figura 17 – Aulos da UNB executando exercício do elemento fogo	33
Figura 18 - Atores realizando exercício do elemento terra	34

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, a relação entre o ser humano e a natureza tem sido fundamental, tanto para a sobrevivência do corpo como para o desenvolvimento intelectual e criativo do ser humano. Com o avanço tecnológico da última década e com a exploração e depredação do meio ambiente, o contato humano-natureza tem sido cada vez mais escasso. Vivemos em um mundo onde essa conexão é frequentemente obscurecida pela vida moderna, pela tecnologia e pela urbanização. No entanto, essa conexão continua sendo essencial para o nosso bem-estar emocional, mental e espiritual.

A natureza exerce profunda influência sobre a mente humana, inspirando pessoas ao longo da história, como artistas, cientistas e filósofos. Neste contexto, o tema desta monografia - "Os Elementos da Natureza como Base para o Processo Criativo", busca explorar como os quatro elementos da natureza – terra, água fogo e ar - são fundamentais para o processo criativo não só de atores e atrizes, como também do ser humano em geral. O trabalho pretende investigar como o contato com esses elementos influenciam a capacidade de criar, pensar, inovar e expressar.

O estudo se baseou nos conceitos dos quatro elementos descritos por Bachelard (1990), que poeticamente os considera como hormônios da imaginação. O fogo é o elemento da mudança, do pronto devir, da sexualidade, da penetração, da purificação, regeneração, renascimento (Bachelard, 1994). A água é um elemento mais feminino e uniforme quando comparada ao fogo, é constante e simboliza as forças humanas sutis; é um elemento transitório e vertiginoso, é o infinito horizontal. O ar é o convite à viagem; é a imagem de evasão, da flutuação, da mobilidade, da altura; é o infinito vertical. E a terra tem como principais características sua resistência e sua força (Bachelard, 1991).

É importante compreendermos a influência desses elementos para que possamos nos reconectar com essas esferas essenciais da natureza. Assim veremos como podemos ampliar a criatividade, expandir a compreensão intelectual e encontrar novos caminhos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Este estudo visa destacar a importância de honrar e preservar nossa relação com a natureza como fonte inesgotável de inspiração e sabedoria.

A motivação de investigar sobre os elementos da natureza como base do processo criativo ocorreu a partir de uma experiência pessoal, sobre meu olhar como licencianda em Artes Cênicas. O ponto de partida acontece em casa, na sala de estar, reunida com amigos enquanto gozávamos de boa música e rodas de conversa. Todos os presentes estavam sentados no tapete da sala. No centro do tapete, existia um incensário com um incenso aceso. Ao olhar concentrada para a fumaça

que o incenso fazia, percebi que a fumaça dançava no ritmo da música. Enquanto observava a fumaça, explorei diferentes estilos musicais, e ela continuava no mesmo ritmo. Isso me fez imaginar como seria trazer aqueles movimentos da fumaça para o corpo, então pensei na natureza e seus elementos e em seus variados formatos como mote para o desenvolvimento desta pesquisa. Questionei-me de qual forma eu poderia utilizar os mesmos para criar corporeidades e desenvolver a criatividade de atores e atrizes a partir do contato com estes elementos, mesmo que concretizados utilizando a imaginação.

Trago como objetivos específicos desta pesquisa: despertar a percepção e a criatividade em cena a partir de experimentações com os elementos água, terra, fogo e ar; praticar a familiaridade com espaços fora do teatro, que podem servir como espaço de criação; criar uma partitura corporal, como forma de verificar se a criatividade realmente foi influenciada pelo contato com a natureza e gerar um olhar sensível à natureza e sua composição.

A metodologia adotada neste estudo foi delineada por meio de uma pesquisa qualitativa exploratória realizada no contexto da prática docente, fornecida pela disciplina de estágio 2, do curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Artes Cênicas, da Universidade de Brasília (UNB), sob a coordenação da Dra. Fabiana Lazzari. A aplicação da pesquisa, aconteceu no período de 02 de agosto a 06 de setembro de 2022, com alunos do 8º ano C, 9º ano A e o 9º ano B do Centro de Ensino Fundamental 01 (CEF 01), localizado na quadra 106 da Asa Sul - Brasília. O trabalho contou também com a colaboração de estudantes de Artes Cênicas¹ da UNB que se voluntariaram para participar do estudo, com idades entre 20 e 24 anos, no período entre abril e setembro de 2023.

A monografia se estrutura da seguinte forma: a presente introdução, três capítulos com a história da arte e o desenvolvimento prático do trabalho, e a conclusão. O primeiro capítulo abordará o conceito de Nature-Deficit Disorder, cunhado por Richard Louv em 2005, no seu livro "Last Child in the Woods: Saving Our Children from Nature-Deficit Disorder", que aborda a importância da conexão da criança com a natureza e como a ausência desse contato pode prejudicar o desenvolvimento criativo. No capítulo 2, discorrerei sobre alguns conceitos de criatividade e como eles são essenciais para compreensão do processo criativo, envolvendo a capacidade de geração de novas ideias, pensamentos divergentes e convergentes, originalidade, flexibilidade

¹ Gabriel Sousa Pereira (Gabor), Lucas Passarinho, Weverton Sudré de Souza, Sant Caê Salviano Cardoso

mental, associação de ideias, fluência, persistência criativa, sensibilidade para problemas, autoexpressão e aplicação prática.

O capítulo 3 trata do processo da pesquisa prática e sua aplicação nos dois contextos: com jovens do ensino fundamental e estudantes do curso de Artes Cênicas. Usarei exemplos a partir de ilustrações dos experimentos para demonstrar minha proposta, além do detalhamento de cada elemento da natureza e como eles podem influenciar no processo criativo, sendo eles a terra, a água, o fogo e o ar. Abordarei em seguida algumas teorias sobre processo criativo, onde falarei de autores que inspiraram esta pesquisa e colaboraram com a fundamentação teórica, trazendo uma conexão através de suas obras com a abordagem do tema deste trabalho. São eles: Fayga Ostrower (2001), Gaston Bachelard (2006) e Cecília Almeida Salles (2004). Por fim, trago a conclusão com resultados e reflexões sobre a pesquisa.

CAPÍTULO 1 - NATURE-DEFICIT DISORDER: UM CONCEITO DE DESCONEXÃO COM A NATUREZA

O termo “Nature-Deficit Disorder” (Transtorno do Déficit de Natureza) foi introduzido e popularizado por Richard Louv² no livro “Last Child in the Woods: Saving Our Children from Nature-Deficit Disorder” (2005). Essa expressão não é um diagnóstico médico formal, mas sim uma forma de descrever o impacto negativo que a falta de exposição à natureza pode ter no desenvolvimento físico, mental e emocional nas pessoas, especialmente em crianças.

A ideia central por trás do conceito é que a sociedade moderna, cada vez mais urbana e tecnológica, tem afastado as crianças da experiência direta com a natureza. Louv (2008), através da observação da mudança no estilo de vida e pesquisa sobre saúde física e mental, argumenta que essa desconexão tem consequências sérias para o bem-estar das crianças, incluindo problemas de saúde mental, dificuldades de atenção, e uma redução na criatividade e no engajamento com o aprendizado.

O "Nature-Deficit Disorder", mesmo que não protocolado como uma condição médica, ressalta a importância de reconectar as crianças com a natureza para promover um desenvolvimento saudável. O autor enfatiza a necessidade de equilibrar o mundo digital com experiências ao ar livre, defendendo que a exposição à natureza é essencial para o desenvolvimento integral das crianças.

O termo “Transtorno do Déficit de Natureza” (TDN) foi discutido em artigos acadêmicos, como por exemplo, das autoras Mônica Maria Souza de Oliveira³ e Bruna Brandão Velasques⁴ em seu artigo “Transtorno do Déficit de Natureza na Infância - Uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem” em que se coloca:

Nas últimas décadas, os estudos sobre a primeira infância registraram um aumento significativo de problemas que podem interferir no aprendizado: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, obesidade, diabetes, aumento da taxa de miopia, deficiência de vitamina D – capazes de causar síndromes metabólicas,

² Richard Louv é um jornalista americano, co-fundador da Children & Nature Network, uma organização dedicada a reconectar crianças e a natureza.

³ Pesquisadora e gestora socioambiental, doutoranda da Fiocruz e ganhadora do Prêmio Ciência pela Primeira Infância 2024. Suas pesquisas focam no TDN na Infância e nos efeitos neurobiológicos do contato com a natureza. É coautora de estudos publicados em revistas científicas e uma das fundadoras do projeto “No Quintal da Nossa Casa”, que promove atividades na Floresta da Tijuca para reconectar famílias e crianças à natureza.

⁴ Psicóloga clínica e pesquisadora, doutora em Psiquiatria e Saúde Mental pela UFRJ, com especialização em terapia cognitivo-comportamental. Coordena o Laboratório de Neurofisiologia e Neuropsicologia da Atenção (LANNA-UFRJ), é professora adjunta na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD/UFRJ) e no Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Saúde Mental (PROPSAM/UFRJ). Autora de Neurodesenvolvimento Infantojuvenil: Entendendo o Cérebro da Criança e do Adolescente. Associada à Rede Ciência para a Educação (Rede CpE), Society for Neuroscience e Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento.

distúrbios emocionais, como depressão, ansiedade, estresse, dentre outros. Correlacionaram esses resultados não somente à falta de contato com a natureza, que causa tais impactos negativos ou pode ser agravado por essa desconexão – falta de vivências ao ar livre - mas também ao quanto a (re) conexão com a natureza é restauradora e um poderoso antídoto para combater o TDN. (Oliveira; Velasques, 2020, p. 1)

De acordo com os estudos de Oliveira e Velasques (2020), é através do contato com o meio natural que o indivíduo se desenvolve de forma integral, fortalecendo os mecanismos afetivo-emocionais, motores e processos cognitivos. Dessa forma, trago um questionamento aos leitores: como será o desenvolvimento do indivíduo se o contato com a natureza não existir?

Damaris Teixeira Paz⁵, Elisa Ferrari Justulin⁶ e Maria Inês Gasparetto Higuchi⁷ realizaram uma pesquisa que teve como objetivo verificar o nível de Conexão com a Natureza (CN) de adultos conforme a frequência com que promovem o contato com a natureza para crianças sob seus cuidados, concluindo que o “contato com a natureza é um preditor da CN e, por isso, é essencial para a formação de vínculos com os ambientes naturais. Necessário tanto para a promoção da saúde humana como para a proteção ambiental” (Paz; Justulin; Higuchi, 2022, p. 2). Por meio de avaliações subjetivas sobre o comportamento das crianças, feitos por pais e/ou cuidadores, assim como registros médicos sobre mudanças nos níveis de ansiedade ou depressão, e análises ao longo do tempo comparando grupos expostos à natureza versus grupos expostos apenas a representações virtuais, constatou-se baixas chances de recuperação psicológica quando se está desconectado da natureza (Paz; Justulin; Higuchi, 2022).

Os estudos registraram um aumento significativo em problemas relacionados ao aprendizado como o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade; além de demais problemas de saúde, como a obesidade, diabetes, aumento da taxa de miopia, deficiência de vitamina D - que pode levar a osteoporose, síndrome metabólica; e distúrbios emocionais como depressão, ansiedade, estresses, irritabilidade, dentre outros males, principalmente na infância (Oliveira; Velasques, 2020).

⁵ Pesquisadora brasileira, doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

⁶ Pesquisadora brasileira com foco em Ciências Ambientais e Sustentabilidade, especialmente na área de Psicologia Ambiental. Ela é mestrandona Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG-CASA) da UFAM.

⁷ Pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, coordena o Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental. Professora do Programa de Pós-graduação em Sustentabilidade Ambiental na Amazônia da UFAM. Atua nas áreas de Psicologia Social do Ambiente, Educação Ambiental e Antropologia Social.

Isso me leva a pensar no processo de evolução e no quanto somos partes da natureza. Se eu faço parte dela, o meu processo evolutivo ocorre a partir dela, então como posso utilizá-la como fonte de inspiração para criar?

Durante o processo de desenvolvimento deste trabalho, levando em conta a parte teórica e a experiência aplicada em estudantes, atores e atrizes, peguei-me em um momento de auto pesquisa. Quando estava em contato com a natureza, pude perceber que meus principais órgão sensoriais (pele, nariz, ouvido) se aguçavam em um estado de alerta ou completamente relaxada, dependendo do ambiente. Em uma experiência em que fiz uma trilha em uma mata fechada, percebi meu corpo em estado de alerta, minha escuta ficou ativa, minha visão estava focada em cada detalhe da trilha, senti meus poros dilatarem e os pelos do meu corpo se arrepiarem. Quando cheguei ao meu destino (cachoeira da Macumba) meu fluxo de pensamento alterou, permitindo-me desligar totalmente dos meus problemas e da minha rotina, e pude conectar-me com a paisagem ali presente. Percebi que meu corpo estava disponível para geração de novas ideias, o que resultou num estado de maior criatividade. Sentia-me mais disposta a conhecer novos ambientes, observei um aumento na minha produtividade e percebi que aquele cenário foi propício para disparar meus fluxos de ideias. Naquele contexto o meu objetivo era criar conteúdo⁸ daquele local. Por estar sob influência do meio sob meu estado corporal, percebi a minha mente mais aberta para tal, o que facilitou o desenvolvimento artístico e profissional no momento. Após realizar as atividades, senti que a minha ansiedade diminuiu e estava feliz e bem comigo mesma.

Somado ao impacto orgânico e na saúde geral das pessoas que a natureza desencadeia, observamos que com o avanço da tecnologia os indivíduos têm tido cada vez mais necessidade do contato com a natureza. Segundo dados do IBOPE, publicados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade em 2018 (figura 1) observa-se que 54% dos brasileiros não estão satisfeitos com as áreas verdes em suas cidades. O número era 56% antes da última pesquisa que foi realizada em 2014. Nota-se que em 4 anos, essa porcentagem diminuiu apenas em 2%, o que nos leva a pensar na falta de urgência na tomada de medidas que aumentem as áreas verdes e que possibilitem o aumento da conexão do ser humano com a natureza.

⁸ Eu, Milena Andrade, trabalho com criação de conteúdo e mídias para o meio digital (social mídia), ofereço meu serviço para empreendedores que querem divulgar seus trabalhos em plataformas como o Instagram.

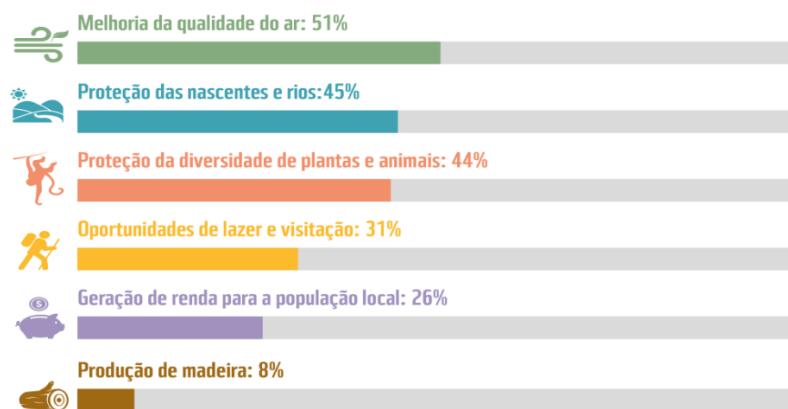
Figura 1 – Brasileiros querem mais contato com a natureza



Fonte: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (2018)

A figura 2 mostra os benefícios que as áreas de conservação podem trazer, e a porcentagem de brasileiros que ainda não percebem concretamente as vantagens desses benefícios. É possível observar que a maior parte dos entrevistados reconhecem mais as vantagens relacionadas ao comércio de matérias primas - cerca de 92% das pessoas têm conhecimento sobre os benefícios em relação à produção de madeira. É notório que 51% dos brasileiros não têm conhecimento sobre a melhoria na qualidade do ar (figura 2), ou seja, se há conscientização sobre a importância da comercialização de bens, por que essa conscientização é reduzida quando falamos sobre os benefícios para a saúde e melhora da qualidade de vida?

Figura 2 – Brasileiros que não percebem os benefícios que as áreas de conservação podem trazer



Fonte: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (2018)

Fazendo uma análise simultânea das figuras, percebemos o déficit de natureza quando 54% dos brasileiros sentem necessidade de ter mais contato com a natureza. Infelizmente 46% ainda não perceberam a importância e os benefícios que as áreas de conservação podem trazer não só para o bem-estar do ser humano, mas para a preservação do meio ambiente.

Ao pensar na natureza como fonte de vida, a sua importância se torna perceptível, tornando-se fonte motivadora para cuidados que tem o potencial de amenizar os efeitos colaterais da má qualidade do ar e da crise climática. Existe a necessidade de conscientização sobre os efeitos negativos da falta de habitats naturais, é importante a promoção de campanhas educação ambiental, de forma que pais e filhos possam adotar práticas ecológicas. Além disso, é necessário promover campanhas de recuperação em áreas desmatadas com o apoio da população. Após a conscientização sobre os benefícios dessas áreas, devemos estudar as propostas políticas que são apresentadas, preferindo aquelas que tenham como objetivo aumentar a preservação e recuperação ambiental.

Em contrapartida, existem exemplos de incentivo à conscientização ecológica de crianças, como a Escola da Natureza situada no Parque da Cidade (Asa Sul) em Brasília-DF, que desenvolve projetos eco pedagógicos. O espaço é voltado para a educação ambiental e tem como objetivo “desenvolver nos estudantes o entendimento crítico sobre viver em rede, pensar, refletir e agir acerca de assuntos como produção e consumo consciente, qualidade de vida, alimentação saudável, economia solidária, agroecologia, cidadania planetária, ética global e valorização da diversidade” (SEEDF, 2024).

De acordo com uma pesquisa independente de opinião pública sobre a crise ambiental feita pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)⁹ em 2024, 86% da população mundial querem mais ações de seus líderes governamentais contra a crise climática. Isso leva a reflexão do que é possível fazer para ampliar ecossistemas e reestabelecer o contato homem-natureza. É essencial agir de forma sustentável, visando a redução dos desmatamentos e degradação ambiental, como forma de melhorar a vida na terra. Cabe à sociedade como um todo estudar as propostas de políticos que incentivem ações para essa mudança.

Os incêndios que aconteceram em 2024 e atingiram diversas áreas florestais de todo o Brasil, são exemplos de como o descuido com a natureza traz malefícios a vida de comunidades. As aulas da UNB precisaram ser canceladas no pico das queimadas pela insalubridade da qualidade do ar. No Rio de Janeiro, tive a oportunidade de conhecer a Pedra da Tartaruga que fica localizada em Teresópolis, de acordo com moradores, os incêndios afetaram grande parte da área verde da região, com isso eles se reuniram em um mutirão para o replantio da mata nativa que foram atingidas pelo fogo, como forma de recuperar essas áreas perdidas. Esse tipo de ação serve como fonte de

⁹ Organização das Nações Unidas (ONU), organização intergovernamental fundada em 1945 para promover a paz e a segurança internacional através da cooperação entre seus estados membros.

inspiração não só para aumentarmos as áreas de contato com a natureza, mas também como forma de recuperar os danos causados pela degradação ambiental.

Dessa maneira, a proposta que trago aqui, refere-se ao resgate do contato do corpo com a natureza. Ao tratar da natureza como fonte inspiradora do criar e o corpo como instrumento criador, fica em evidência como essa troca tem influência no desenvolvimento de seres conscientes, que tenham conhecimento da importância da natureza para a existência da humanidade. Assim, é esperado que de alguma forma, sintam necessidade de agir ecologicamente e sustentavelmente a fim de prolongar a vida na terra.

Esse contato ser humano-natureza, vislumbrado pelo olhar dos elementos naturais, tem o poder de despertar e nutrir a criatividade em pessoas de todas as idades — crianças, jovens ou adultas. É como se houvesse uma força quase mística que nos envolve, atiça os sentidos e nos convida a dançar com a vida em sua plenitude. É nesse fluxo criativo, inspirado pela natureza, que mergulharemos no próximo capítulo, dedicado à criatividade.

CAPÍTULO 2 - CRIATIVIDADE

Neste capítulo apresento alguns aspectos que delineiam a noção de criatividade. Alguns autores foram selecionados para transmitir o entendimento desta noção, que se conecta fortemente com o tema de minha pesquisa, sendo utilizado para fortalecer e dar consistência às experimentações e ao processo de desenvolvimento das atividades que utilizei juntos aos alunos e alunas, com os elementos da natureza.

De acordo com Mihaly Csikszentmihalyi (Alencar; Fleith, 2003), a criatividade é um processo que envolve a interação entre o criador, sua obra e a audiência. Para ele, a criatividade é reconhecida quando um produto ou resposta é considerado novo e apropriado para uma tarefa específica. Nesse sentido, vejo a natureza como um campo que oferece símbolos e materiais para o criador. Ao experimentar e interagir com a natureza, o indivíduo pode desenvolver novas ideias, mas também pode pesquisá-la para criar materiais. É interessante nesse processo utilizar de elementos como folhas, pedras e madeira para criar arte.

Alguns artistas, fazem uso dos elementos para criarem suas obras; a exemplo da obra "Tropicália" de Hélio Oiticica (figura 3). Esta famosa instalação de arte, criada pelo renomado artista brasileiro, é uma estrutura em forma de labirinto construída com materiais naturais, como plantas tropicais, areia e água. Tropicália convida os visitantes a explorarem um ambiente sensorial imersivo que evoca a exuberância e a diversidade da natureza brasileira.

Figura 3 – A obra “Tropicália”



Fonte: mostra retrospectiva de Hélio Oiticica no Whitney Museum of American Art (NY) (2017)

Na mostra retrospectiva de Hélio Oiticica no Whitney Museum of American Art em 2017, os artistas utilizaram técnicas que incorporaram elementos da natureza em "Tropicália" de forma a recriar a experiência sensorial original da obra. Isso incluiu a utilização de plantas vivas, areia,

araras, poemas-objetos e capas de Parangolé, elementos que remetem ao ambiente tropical e à interação com a natureza presentes na instalação original de Oiticica. A recriação desses elementos naturais e sensoriais na exposição retrospectiva buscou proporcionar aos visitantes uma imersão autêntica na proposta artística de Oiticica, permitindo uma vivência próxima à originalidade e à intenção do artista ao criar "Tropicália".

Outro exemplo que gostaria de trazer é Inhotim (figura 4). Este é um dos maiores e mais importantes centros de arte contemporânea ao ar livre do mundo, localizado em Brumadinho, Minas Gerais. Inhotim abriga uma coleção impressionante de obras de arte, muitas das quais se integram harmoniosamente à paisagem natural exuberante da região, explorando temas como ecologia, sustentabilidade e interação humana com o ambiente.

Figura 4 - Vista aérea do Centro de Educação e Cultura Burle Marx no Instituto Inhotim



Fonte: Brendon Campos (2021)

Em seu modelo componencial de criatividade, Teresa Amabile (Alencar; Fleith, 2003), destaca a originalidade como um dos aspectos fundamentais para avaliar a criatividade, muitas vezes associada à produção de algo novo, único ou inovador; algo que se destaca do convencional.

As noções de pensamento divergente e convergente, originalidade, autoexpressão e aplicação prática, são fundamentais para fomentar a criatividade em diversas áreas da vida. O conceito de pensamento divergente e convergente foi introduzido pelo psicólogo Joy Paul Guilford na década de 1950. Existem dois tipos principais de pensamento que as pessoas utilizam ao abordar problemas: o pensamento divergente, refere-se à capacidade de explorar múltiplas possibilidades e perspectivas, busca gerar o maior número possível de soluções para um problema, promovendo a

criatividade e a exploração de múltiplas ideias; já o pensamento convergente, envolve a habilidade de reunir diferentes ideias e escolher as mais viáveis e eficazes, ou seja, é focado em encontrar uma única solução para um problema específico, utilizando raciocínio lógico e analítico. Enquanto o pensamento divergente é não linear e expansivo, permitindo a combinação de diferentes perspectivas e abordagens; o convergente é um processo linear e sistemático, visando afunilar as opções disponíveis até chegar à melhor solução (Urquijo 1996)

O estado mental chamado de “fluxos” por Csikszentmihalyi (Alencar; Fleith, 2003), é um estado em que uma pessoa está completamente imersa em uma atividade, resultando em alta criatividade e autoexpressão. Ele argumenta que a autoexpressão é essencial para a criatividade, pois permite que os indivíduos se conectem com suas emoções e pensamentos mais profundos. Já Amabile (1996) em suas pesquisas sobre criatividade, discute como a autoexpressão pode ser um motor para a inovação e a produção criativa. Ela sugere que ambientes que incentivam a autoexpressão favorecem o surgimento de ideias originais. A capacidade de expressar-se de forma autêntica e original é uma parte importante da criatividade, seja por meio de arte, música, escrita ou outras formas de expressão.

A criatividade pode ser vista também como um processo que envolve tanto a geração de ideias, como a capacidade de transformá-las em realidade. A verdadeira criatividade requer paixão e comprometimento, destacando a importância da aplicação prática das ideias criativas (May, 1982). A criatividade não se limita apenas ao mundo das artes, mas também é essencial em campos como ciência, tecnologia, negócios e educação, onde a inovação é necessária para o progresso e o sucesso. É importante destacar a distinção entre criatividade e inovação. A criatividade é vista como a geração de novas ideias (Alencar; Fleith, 2003), enquanto a inovação envolve a aplicação dessas ideias para criar algo útil (Alencar; Fleith, 2003).

A obra de Gaston Bachelard (2006) está vinculada à criatividade de várias maneiras, especialmente através da ênfase na imaginação e na ruptura com concepções prévias. O autor destaca a importância da imaginação na atividade científica, argumentando que a criação de conceitos muitas vezes requer uma ruptura com as intuições do senso comum. Essa ênfase na imaginação alinha-se com a ideia central de que a criatividade é impulsionada pela capacidade de visualizar e conceber algo além das limitações existentes. A noção de ruptura epistemológica sugere que o progresso científico muitas vezes envolve a superação de obstáculos mentais e a

rejeição de ideias estabelecidas. Da mesma forma, a criatividade muitas vezes requer a disposição de desafiar normas, questionar o status e abandonar abordagens convencionais (Bachelard, 2006).

A ideia de que a mente humana passa por transformações significativas no processo de construção do conhecimento científico pode ser aplicada à criatividade, pois a capacidade de ver o mundo de maneira diferente e abordar os problemas com a mentalidade flexível é essencial para o desenvolvimento criativo. Bachelard (2006) destaca o papel crucial da experiência e do experimento na construção do conhecimento científico, assim como Fayga Ostrower (2001) ao descrever o processo criativo. Analogamente, na criatividade, a experimentação e a exploração de novas ideias desempenham um papel fundamental na geração de insights inovadores, pois é a partir do experimento que adquirimos experiência e a partir da dela, adquirimos memória para criar.

Embasada nas noções e conceitos discorridos pelos autores citados, a criatividade a que me refiro nesta pesquisa, diz respeito a capacidade de desenvolver ideias e traduzi-las para o corpo por meio da expressão do movimento, a partir do contato com o meio ambiente, tendo como ponto de partida o contato direto com os elementos naturais ou com a ideia e as sensações trazidas por eles.

Um dos fatores essenciais para o início de um processo artístico é a criatividade, principalmente quando se fala de teatro e suas vertentes. Mas de que forma a criação, utilizando os elementos da natureza, pode contribuir na expressão de movimentos, na construção de personagem e para o intelecto?

Pensando na sensibilidade como um dos principais pilares, senão o principal, da criatividade, pode-se considerar que os processos envolvidos na criação, assim como os processos intuitivos, “interligam-se intimamente com o nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade” (Ostrower, 2001) Os elementos da natureza contribuem fortemente para esse processo, pois cada um desperta um tipo de sensibilidade tanto no toque, quanto no imaginar, no ver e principalmente no perceber. É através da percepção que somos capazes de sentir e compreender. Pensando nisso há uma ordenação seletiva dos estímulos entre o que percebemos e o que não percebemos.

A influência da natureza nos sentimentos humanos é estudada pelo filósofo Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C) em sua teoria sobre a alma racional e a percepção sensorial. Ele sugere que ele via a interação com o ambiente como essencial para o desenvolvimento intelectual e emocional (Moura, s.d.).

No artigo “os elementos da natureza podem influenciar emoções e até atitudes humanas”, a psicóloga Daniela de Oliveira (2021) aprofunda a discussão sobre como os elementos da natureza — como água, ar, terra e fogo — exercem influência significativa sobre as emoções e atitudes humanas. Ela destaca que esses elementos não apenas afetam o estado emocional, mas também interagem com nossos sistemas corporais, como o nervoso e o endócrino, para regular respostas emocionais e comportamentais. A autora enfatiza que a conexão com a natureza pode promover equilíbrio emocional, reduzir o estresse e até melhorar o bem-estar geral, reforçando a importância de integrar práticas que valorizem o contato com o ambiente natural no cotidiano. Pontua que “como seres vivos, somos constituídos e constitutivos da vida da biosfera. “Nosso sistema corporal, nossas emoções, atitudes e posicionamentos evocam os quatro elementos” (Oliveira, 2021). Além disso, o artigo aborda estudos científicos que comprovam os benefícios terapêuticos dessa interação, sugerindo que a natureza pode ser uma aliada poderosa na promoção da saúde mental.

A própria natureza em suas manifestações múltiplas é filtrada no consciente através de valores culturais, “que nada mais é do que o conjunto de características que definem alguém, quanto suas ideias, crenças, costumes e hábitos” (Ostrower, 1977, p. 16). Ao vincular o ser consciente a um fazer intencional e cultural em busca de conteúdos significativos, a sensibilidade se transforma. Torna-se ela mesma, faculdade criadora, pois incorpora um princípio configurador seletivo (Ostrower, 1977).

A ordenação apresenta diversas representações, como a fala, o comportamento, a arquitetura, a pintura, a música, a dança, ou qualquer outra prática significante, significam ordem (Ostrower, 1977). É por meio das ordenações que se objetiva um conteúdo expressivo, sendo assim, o criar é também uma forma de ordenar e comunicar. A representação do criar está no vivenciar o fazer, se tornando a própria realidade (Ostrower, 1977).

Ao utilizar os elementos da natureza no processo criativo, um dos principais métodos que implementados no trabalho foi a imaginação. O imaginar que corresponde a um traduzir na mente certas disposições que estabeleçam uma ordem maior da matéria e do nosso interior (Ostrower 1977).

O criar é um processo fruto da existência que abrange os pensamentos, as emoções, a experiência, a capacidade de configurar formas e de discernir símbolos e significados. O processo de criação é originado pelo nosso eu interior, mais especificamente do sensório e da afetividade, pois é onde a emoção gera pensamentos enquanto são estruturadas no intelecto (Cameron, 1992).

Se pensar no universo como um vasto oceano elétrico onde você está imerso e no qual se formou, abrir-se à criatividade faz com que você deixe de ser alguma coisa à deriva no mar para se transformar numa parte muito mais funcional, consciente e cooperativa daquele ecossistema. (Cameron, 1992, p. 24)

O livro “Gesto Inacabado” de Cecília Salles desenvolve uma discussão a respeito da intervenção do acaso no processo criativo, o acaso é um fator que aumenta a variedade do mundo, sendo ela fundamental para o processo criativo. Esse processo se alimenta da imprevisibilidade e da urgência de novas possibilidades (Salles, 1998). Quando a autora cita o acaso e a imprevisibilidade, me remete os elementos da natureza em transformação o que pode ser relacionado à imprevisibilidade dos fenômenos naturais. O meio ambiente, com suas tempestades, terremotos e demais eventos imprevisíveis, pode ser visto como uma força que introduz o acaso no processo criativo, estimulando a inovação e a adaptação. Por exemplo, se usarmos a água em seu estado líquido, obteremos um tipo de corporeidade, mas se utilizarmos a água em seu estado sólido, teremos uma corporeidade diferentes. Isso mostra que a criatividade não só é usada para criar algo, mas também para adaptar ao que já está proposto.

A complexidade das relações entre os elementos da natureza e o processo criativo pode ser analisada à luz da abordagem interdisciplinar proposta por Salles (2004), que ajuda a compreender como o processo criativo é dinâmico, imprevisível e influenciado por múltiplos fatores, incluindo elementos da natureza. A autora destaca a importância do acaso como um elemento que amplia as possibilidades e contribui para o surgimento de novas ideias durante a criação.

Se pensar a criação como redes de interferências, cuja densidade está estreitamente ligada à multiplicidade das relações que a mantém. No caso do processo de construção de uma obra, podemos falar que ao longo desse percurso, a rede (ou sistema) ganha complexidade à medida que novas relações vão sendo estabelecidas. (Salles, 2021, p.5)

O acaso pela perspectiva de um elemento natural, desempenha um papel crucial na ampliação das possibilidades criativas, introduzindo imprevisibilidade e novas direções na gênese da obra, permitindo analisar a complexidade e a interconexão entre a natureza e a criação artística ou intelectual, revelando a riqueza e a profundidade desse relacionamento. O objeto em criação encontra-se em um tempo e o espaço únicos e singulares, eles ganham vida das características que o artista lhes cede, enquanto consomem o tempo e o espaço que envolvem sua produção (Salles, 2004).

Por fim, a questão da finalização de uma obra pode ser relacionada à ideia de que os processos da natureza nunca estarão encerrados, pois eles são contínuos e evolutivos. Assim ocorre

com o processo criativo, que também pode ser visto como uma jornada sem fim, onde cada obra é apenas um momento dentro de um fluxo maior. Ao explorar a natureza como uma fonte contínua de inspiração e transformação, será possível compreender como o processo criativo é moldado por esses elementos em minha pesquisa.

CAPÍTULO 3 - OS ELEMENTOS DA NATUREZA NO PROCESSO CRIATIVO

Após discorrer sobre os conceitos de criatividade, apresentarei como utilizei os elementos da natureza através da metodologia das experimentações, tanto com os alunos do 8º ano C, 9º ano A e o 9º ano B do CEF 01, quanto com os estudantes de Artes Cênicas.

A diversidade e a complexidade da natureza proporcionam uma inspiração profunda e constante para artistas e pensadores. A “Estética do Movimento Criador” proposta por Salles (2004), enfoca o caráter processual e dinâmico da criação artística. Salles descreve o movimento criador como uma rede de inferências e ações interligadas, onde a obra não surge de uma revelação espontânea, mas sim de um percurso complexo e contínuo. Essa estética pode ser aplicada à forma como os elementos da natureza influenciam o processo criativo. A natureza, com seu dinamismo e mudanças constantes, pode ser vista como um movimento criador contínuo, que inspira e molda a obra de arte ou o pensamento intelectual. Isso sugere que a criação artística ou intelectual não é um evento isolado, mas sim parte de um fluxo contínuo de inspiração e transformação.

3.1 PROCESSO CRIATIVO: TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para melhor compreensão deste trabalho, relatarei sobre o plano de ensino aplicado para as turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental, produzido com o intuito de proporcionar uma forma de aprendizado mais dinâmica e que quebrasse os padrões educativos, estabelecidos há muitos anos. O plano foi pensado com o desejo de oferecer oportunidades para o estudante se familiarizar com a arte, para assim se descobrir como artista ou apreciador da arte - teatros, museus, obras ao ar livre etc. - permitindo que essa vertente possa futuramente, reestabelecer o seu valor na sociedade.

Para a aplicação da pesquisa nas turmas do ensino fundamental, uma aula de cada turma, foi disponibilizada para esta prática docente, totalizando 2 horas e 25 minutos semanais. O cronograma funcionou da seguinte forma: uma aula de 45 minutos na segunda-feira e duas aulas de 45 minutos na terça-feira. Totalizaram 45 minutos de carga horária trabalhada com cada turma (8º ano C, 9º ano A e 9º ano B). Sinto que não tenha sido tempo suficiente para o trabalho proposto, pois só consegui realizar a experiência em apenas uma aula, por ter que seguir com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os estudantes foram conduzidos para um ambiente externo, onde puderam interagir com diversos elementos da natureza, como vento, terra e sol. Com os olhos fechados, os participantes foram desafiados a aguçar os sentidos corporais, concentrando-se exclusivamente na percepção dos

elementos presentes no ambiente e em como essas sensações reverberavam em seus corpos. Em seguida, dialogaram para compartilhar as experiências sensoriais individuais e refletir sobre os insights gerados por esse exercício de percepção sensorial.

No exercício planejado para esta aula, os estudantes seriam levados para um local aberto, onde pudessem entrar em contato direto com alguns elementos sensoriais da natureza. Com os olhos vendados, a ideia era que cada estudante pudesse despertar os sentidos do corpo com a visão isolada. Porém a escola não apresentou muitas opções ambientais verdes abertos, logo, adaptamos o exercício e realizamos na quadra de esportes, onde os alunos tiveram a oportunidade de perceber ao sentir, ou ao menos escutar esses elementos, através das suas formas como a luz solar e o vento. Ao realizar a dinâmica (figura 5), reuni todos em círculo e perguntei quais foram as percepções que cada um conseguiu alcançar ao realizar o exercício.

Figura 5 - Alunos do 9º ano realizando exercício na quadra de esportes



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Ao propor esse exercício, obtive algumas dificuldades. A pesquisa passou por um problema técnico, o celular onde estavam as gravações das conversas das atividades, tanto das turmas do CEF 1 e como dos graduandos da UNB, quebrou, causando a perda dos arquivos de áudio.

Não foi possível realizar uma visita prévia na escola, e a ausência de espaços propícios para realização da proposta no ambiente escolar foi uma grande adversidade. Logo no primeiro dia percebi que não tinha espaços que possibilitariam contato direto entre os alunos e os elementos da natureza. Ao adaptar a proposta a execução do trabalho influenciou diretamente nos resultados obtidos.

Outra observação é o ambiente era um espaço compartilhado com alunos de outras turmas, que estavam presentes na quadra no momento do exercício, dificultando ainda mais o processo.

Percebi que enquanto realizavam o exercício, talvez por serem adolescentes, as turmas que não estavam participando da prática, riram dos colegas, julgaram ou zombaram de quem estava fazendo o exercício, atrapalhando a realização e a desenvoltura dos participantes. Ao reuni-los para um diálogo, perguntei o que eles perceberam durante o exercício proposto, porém não obtive muitos retornos, acredito que pelo contexto em que a atividade foi realizada. Concluí que provavelmente os alunos não souberam responder à pergunta que fiz, por estarem acanhados ou por não saberem o que falar e como se expressar verbalmente.

Pensando por partes em como poderia solucionar tais problemas, busquei primeiro lidar com a ausência de ambientes naturais. Trazendo para esse contexto, Richard Louv (2005), fala das dificuldades que uma criança pode ter com a falta do contato direto com a natureza, percebi que esse é um problema na estrutura de algumas escolas que não proporcionam esse tipo de ambiente. Ao longo do exercício percebi que os alunos não poderem experimentar o contato direto com o chão, tanto com a terra e a grama como com o piso de cimento, sua temperatura impedia que os estudantes pudessem ficar descalços, pois corriam o risco de queimar os pés. Vale pensar em um futuro diálogo com educadores sobre as dificuldades apresentadas na estrutura das escolas da atualidade.

Por essas escolas não tem ambientes com acesso direto à natureza, existe uma série de dificuldades que o professor enfrentar ao tentar realizar exercícios como esse, ou seja, se o professor quiser proporcionar experiências ao ar livre com os alunos, ele deve realizar uma saída de campo. As possibilidades que o docente tem para que consiga a disponibilização e autorização da equipe pedagógica, assim como dos pais e responsáveis pelos alunos, para uma saída de campo são incertezas. Como o professor poderia quebrar esses obstáculos? Levando em conta as dificuldades que ele poderia enfrentar, caso optasse por realizar o passeio sem ajuda, mesmo que com a autorização da escola e dos pais; como pensar soluções para que a atividade possa ser realizada? Há uma necessidade grande de um melhor planejamento, é importante se atentar ao conhecimento prévio das condições da escola, da estrutura e de seu funcionamento ao optar por realizar uma aula diferente. O planejamento é fundamental para que o professor consiga realizar a atividade sem futuras complicações, como aconteceu no meu processo de pesquisa.

Visando proporcionar um ambiente mais acolhedor e que pudesse gerar confiança para o aluno se expressar, considerando as dificuldades que ocorreram durante a aplicação da pesquisa, uma opção teria sido dividir os grupos de alunos em ambientes separados, onde eles pudessem

explorar os sentidos focando completamente no elemento. Caso esse fosse o cenário, talvez tivesse êxito ao realizar a atividade, pois longe dos olhares dos colegas, provavelmente os alunos se sentiriam seguros e abertos para realmente ativar os sentidos corporais através da experiência.

Para solucionar a questão da conversa final, pensei na elaboração de perguntas menos generalizadas e mais específicas, que estimulassem os estudantes a se expressarem de modo genuíno, para que eu pudesse entender um pouco melhor como essa experiência chegou até eles e qual impacto causou em cada um durante o exercício. Por exemplo: “como esse elemento te afetou?”, “qual elemento que o seu corpo mais sentiu?”, “quais imagens se apresentavam através da imaginação enquanto sentiu esse elemento?” e “ao sentir o elemento, de qual forma você poderia representar corporalmente essa sensação?”.

Diante de todos esses obstáculos, o elemento que os alunos mais puderam experienciar foi o elemento **ar**. O ar é um dos elementos essenciais da natureza, desempenhando um papel vital na sustentação da vida no planeta Terra.

O ar é uma mistura de gases, principalmente nitrogênio (cerca de 78%) e oxigênio (cerca de 21%), com traços de gases como argônio, dióxido de carbono, neon e vapor d'água (Palma, 2021). Um dos primeiros cientistas a estudar a composição do ar foi Joseph Priestley, que em 1774 isolou o oxigênio; posteriormente, Antoine Lavoisier também contribuiu significativamente para a compreensão da composição do ar e a natureza dos gases atmosféricos (Palma, 2021). Lavoisier foi necessário na identificação do oxigênio como um componente essencial para a respiração e combustão. O ar se apresenta como um elemento fundamental, pois é através dele que obtemos a respiração, produção de energia para o corpo por meio do oxigênio. A respiração, consequentemente é extremamente importante para o funcionamento do corpo humano, para a expansão da percepção, para a vegetação, pois a natureza também se alimenta da energia que libera. Além disso o ar também se movimenta, e se acrescentarmos velocidade a esses movimentos teremos o vento e é através dele que podemos perceber a existência desse elemento, pois quando toca a pele ele é perceptível em nosso corpo.

Pedi que aos alunos que observassem como seus corpos reagiam ao toque do vento - forma de representação do elemento ar. Instrui a turma para que percebessem qual a temperatura desse vento, qual a força em que ele tocava a pele, para que no instante do exercício eles não se limitassem apenas a sentir, mas pudessem observar as características do elemento apresentado naquele momento. Movimentar-se ao ar livre ou em espaços abertos ajuda a oxigenar o corpo e mente,

facilitando um estado que permite às ideias surgirem mais facilmente. Isso sugere que estar em ambientes com boa circulação de ar pode ser benéfico.

A segunda proposta de atividade que realizei foi com outra turma do 9º ano. No dia do exercício a quadra de esportes estava ocupada e tivemos que adaptá-lo para a sala de aula. Utilizei a seguinte abordagem: os alunos teriam que caminhar pelo espaço, na medida que fossem caminhando, quatro comandos foram solicitados a partir do uso da imaginação. Esses comandos eram para que os alunos caminhassem pela sala utilizando movimentos que destacassem os elementos, respectivamente, (a) ar; (b) fogo; (c) água; (d) terra.

O fogo é o resultado de uma reação de combustão, que ocorre quando três componentes principais estão presentes: combustível - qualquer material que possa queimar, como madeira, papel ou gasolina; comburente - geralmente oxigênio, que é necessário para a combustão; e o calor - energia necessária para iniciar a reação de combustão (Mundo Educação, s.d.).

Esses elementos formam o chamado triângulo do fogo. Além disso, uma reação em cadeia é necessária para que o fogo se mantenha aceso, onde o calor gerado pela combustão continua a aquecer o combustível e a manter a reação. A compreensão do fogo e de suas propriedades foi desenvolvida ao longo da história, mas um dos primeiros a estudar sistematicamente a combustão e suas características foi Antoine Lavoisier (Palma, 2021), no século XVIII e fez contribuições significativas para a compreensão dos gases envolvidos na combustão, como o oxigênio e o papel que ele desempenha no processo de queima.

A água é uma substância fundamental para a vida na Terra, constituindo a maior parte dos fluidos dos organismos vivos e cobrindo cerca de 70% da superfície do planeta. É composta por dois átomos de hidrogênio ligados a um átomo de oxigênio, formando a molécula H₂O (Santos; Sousa, 2022). A água, é frequentemente associada à vida e à fluidez e desempenha um papel profundo no processo criativo. Sua presença inspira movimento, transformação e adaptação, características essenciais para a criação artística e intelectual.

A terra que é o elemento que tem as formas e composições mais amplas dentre os demais elementos da natureza, ela abrange tanto as espécies minerais, quanto as animais e vegetais, sendo assim, além da terra propriamente dita, todos os animais, as árvores, montanhas, cavernas, pedras, plantas, flores, raízes e frutos dão vida para este elemento.

O exercício realizado com os alunos da turma do 8º ano “C” da seguinte forma: foram divididos em quatro grupos; sorteei um elemento da natureza (terra, fogo, água, ar) para cada grupo.

Eles teriam que criar uma cena improvisada utilizando movimentos que transmitissem o elemento da natureza sorteado pelo respectivo grupo utilizando a imaginação como forma de acessar esses elementos (figuras 6, 7, 8 e 9).

Figura 6 – Alunos do 8º ano “C” representando o elemento água



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Figura 7 – Alunos do 8º ano “C” representando o elemento ar



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Figura 8 – Alunos do 8º ano “C” representando o elemento fogo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Figura 9 – Alunos do 8º ano “C” representando o elemento terra



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Nesse exercício, obtive um resultado bastante significativo. Surgiram movimentos surpreendentes. Alguns grupos, além de realizarem uma partitura corporal¹⁰, utilizaram sons que remetessem ao elemento sorteado. Durante a apresentação de cada grupo, o restante dos alunos teve que adivinhar o elemento do grupo que estava apresentando. Infelizmente não foi possível após esse exercício me reunir com os estudantes, pois eles entraram em semana de prova e logo em seguida de férias, então não pude realizar uma roda de conversa para entender o que os estudantes perceberam após o exercício.

Pude observar que a atividade refletiu diretamente a estética de movimento criador proposta por Cecília Almeida Salles em Gesto Inacabado (2004), pois evidenciou a ação transformadora, ao converter conceitos abstratos em expressões sensíveis e o movimento tradutor, ao transpor elementos da natureza para a linguagem corporal. Além disso, o processo de experimentação e a construção coletiva das cenas destacaram a ideia de que a criação é uma rede dinâmica de relações, onde diferentes linguagens e operações se interconectam para gerar novas formas de expressão. Assim, acredito que o exercício sintetizou a visão sobre o ato criador como um processo orgânico, intersemiótico e em constante transformação (Salles, 2004).

Infelizmente trabalhar na escola com uma carga horária pequena impossibilitou o aprofundamento temático que eu gostaria, pois estávamos no contexto pós pandêmico. Os horários

¹⁰ Uma partitura corporal é um conceito utilizado nas artes cênicas, especialmente no teatro e na dança, para descrever uma estrutura ou sequência organizada de movimentos, gestos, expressões e ações que compõem a performance de um ator ou bailarino. Ela funciona como um mapa ou guia que orienta a execução de uma cena ou performance, garantindo coerência e precisão na expressão corporal.

da escola eram incompatíveis com minha agenda na universidade. Realizei a pesquisa através da disciplina de Estágio e tive que me adaptar ao tempo disponibilizado para as aulas. Foi possível aproveitar uma aula de cada turma para realizar a pesquisa, pois estava seguindo o cronograma de aula planejado pela disciplina de acordo com as normas da BNCC.

A pesquisa mostrou que existem possibilidades de trazer a percepção dos elementos da natureza - terra, água, ar e fogo - para o contexto de sala de aula, mesmo que de forma limitada. Aprendi no decorrer do meu percurso como estudante de artes, especificamente na matéria de Práticas Performativas em Diálogo com Abordagens Orientais¹¹ onde estudei sobre a percepção, sentidos e imaginação. Lembro-me que utilizamos abordagens divididas em ciclos: água, lua e flor, para criar um campo de conexão entre esses elementos em sala de aula e através desses estudos realizamos performances para o fechamento de cada ciclo. A partir dessa experiência conclui que mesmo sem as condições ideais, podemos criar estes campos de conexão através de pequenas representações desses elementos, seja por meio de objetos - potes de água; incensos (fogo); leques (ar); plantas (terra) – ou o elemento em outras formas, como o gelo, areia, vela e plantas.

3.2 O AVESO DO MEU EU

Em abril de 2023, prossegui com a pesquisa aplicando-a em um grupo de quatro estudantes que se voluntariaram. Essa etapa durou um período de seis meses, com encontros semanais previamente agendados, totalizando uma carga horária de 2 horas semanais - levando em consideração a disponibilidade dos atores. Foram realizados exercícios que envolviam tanto o contato direto quanto a exploração imaginária com os elementos naturais. Devido ao menor número de participantes nesta segunda etapa, e ao maior tempo disponível para a realização das atividades, foi possível obter resultados mais detalhados e aprofundados. Essa diferença na abordagem metodológica entre os dois grupos contribuiu para a ampliação do entendimento sobre os fenômenos estudados.

Iniciamos o projeto com o intuito de aplicar a pesquisa no processo criativo de uma montagem teatral. Os quatro alunes da UNB foram: Sant, representou o fogo; Lucas Passarinho com seus movimentos sólidos, representou a firmeza da terra; Sudré, representou o elemento ar; e Gabriel Gabor, representou a água. A ideia de relacionar os estudantes a cada elemento aconteceu

¹¹ Matéria coordenada pela professora dra. Rita Castro, do Departamento de Artes Cênicas (CEN) da UNB. Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, coordenando o Grupo de Pesquisa Poéticas do Corpo, que investiga relações entre performance, antropologia e tecnologias contemporâneas.

devido ao aspecto que mais esteve presente durante a execução da pesquisa: os sentimentos, as expressões e os movimentos.

Criei um roteiro de ações que tinha como tema “**o avesso do meu eu**”. O objetivo foi realizar a pesquisa focando na criação dos personagens que se expressavam através das expressões faciais, movimentos corporais e do estado emocional. Por ser um roteiro que apresentou personagens caracterizados principalmente por sentimentos, decidimos representá-los através de movimentos corporais que foram inspirados e desenvolvidos através de cada elemento da natureza.

A escolha dos atores sucedeu-se a partir da proposta que pensei ao criar o roteiro. Atores que sabiam trabalhar suas corporeidades para dar ênfase às expressões corporais a partir dos sentimentos (figura 10). O propósito era saber como seria utilizar dos elementos da natureza como base dessa criação em pessoas que já tinham experiência com a expressão corporal através da dança.

Figura 10 - Sant, Sudré, Passarinho e Gabor realizando um exercício de expressão



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

No primeiro exercício utilizei dois incensos, improvisei os incensários com latas de refrigerante para intensificar a liberação da fumaça e dividi o grupo em duplas. Sugeri aos estudantes que se sentassem ao redor do incensário e que observassem os movimentos da fumaça. Em seguida reproduzi algumas músicas de estilos e melodias diferentes para que eles pudessem observar o que mudava na movimentação da fumaça quando os estilos e as melodias mudavam. Chegamos à conclusão, através de uma breve conversa após o exercício, de que na medida que a música tocava, os movimentos da fumaça se adaptavam ao estilo e à melodia que está sendo reproduzida. Após isso, solicitei aos estudantes que se espalhassem pelo espaço e reproduzissem

uma sequência de movimentos inspirados no movimento da fumaça do incenso, o que resultou em uma série de movimentos corporais surpreendentes (figuras 11 e 12).

Figura 11 – “Passarinho” fazendo experimentação de movimentos do incenso



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Figura 12 - Sant fazendo experimentação de movimentos do incenso



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Em seguida sugeri aos atores que incluíssem as características dos elementos da natureza aos movimentos. Cada ator representou um elemento, criando uma partitura corporal que remetesse ao ar, a água, ao fogo e a terra. Nesse momento analisei nas composições em criação que, além deles trazerem características de movimentos que quase se transformavam no elemento escolhido, as velocidades da reprodução de cada elemento eram diferentes. Assim, o estilo dos movimentos fazia alusão as formas geométricas, variando entre circulares e retilíneos. Alguns eram mais fluidos, enquanto outros eram mais precisos. Inclusive, a precisão era bastante notória em sua composição. Eles alternavam entre os planos alto, médio e baixo.

No elemento água, a maioria reproduziu movimentos curvos, lentos e fluidos (figura 13). Enquanto no elemento ar, os movimentos eram fluidos e intercalavam entre curvos e retilíneos, com velocidades que variavam entre rápido e lento (figura 14). Para o fogo, eles expressaram movimentos curvos, rápidos e precisos, explorando os planos médio e baixo (figuras 14 e 15). No elemento terra, o movimento retilíneo prevaleceu, os atores trouxeram mais densidade aos movimentos utilizando uma velocidade mais lenta e explorando planos mais baixos (figura 16).

Figura 13 - Sudré representando o elemento água através de seus movimentos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Figura 14 – Sant (vestido de preto) e Gabor (de branco) representando o ar e fogo, respectivamente



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Figura 15 - Gabor realizando exercício de movimentos que representasse o elemento fogo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Figura 16 - Lucas Passarinho executando movimentos que representasse os elementos terra



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Uma das últimas propostas que desenvolvi consistiu em sortear um elemento para cada ator, que deveria então conduzir uma aula utilizando exercícios que representassem o elemento recebido. Ao término das atividades, promoveu-se uma discussão coletiva a respeito das sensações e percepções despertadas durante cada experiência. A movimentação que mais me surpreendeu, em termos de sensações, foi a relacionada ao elemento fogo em uma atividade conduzida por Sudré. A proposta envolveu composições inspiradas em práticas circenses, possibilitando aos participantes um contato direto com o fogo (figura 17).

Figura 17 – Aulos da UNB executando exercício do elemento fogo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Observou-se que a proposta teve forte impacto emocional nos atores: durante a execução dos movimentos, foi possível notar um aumento significativo de tensão entre os participantes, que passaram a demonstrar sinais de estresse, como falar simultaneamente e entrar em conflito verbal. Diante da intensificação do nervosismo coletivo, tornou-se necessário que eu intervisse com cautela. No entanto, frente à dificuldade de retomar o controle do grupo, optei por encerrar a atividade. Isso nos fez refletir sobre a influência que os elementos da natureza têm em relação aos nossos sentimentos. Ao nos conectarmos com a energia do fogo, é comum experimentarmos maior motivação e determinação. Os efeitos do excesso dessa energia podem desencadear estados de impaciência e comportamentos agressivos (Alva Personal Care, 2024), como expressado no experimento.

Outro exercício foi conduzido por Sant, que propôs aos atores uma vivência de contato direto com o elemento terra (figura 18). Descalços, os participantes caminharam pelo jardim, estimulando a percepção tátil por meio dos pés como principal canal sensorial, a fim de explorar as texturas, temperaturas e sensações provocadas pela terra e seus componentes quando entravam em contato com a pele.

Figura 18 - Atores realizando exercício do elemento terra



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Em algumas religiões como espiritismo, práticas benzedeiras e espiritualidade indígena, o chão é visto como um elemento que pode absorver ou neutralizar energias negativas. Essa prática está associada à crença de que a terra possui uma capacidade natural de purificação e equilíbrio energético. Muitos povos indígenas acreditam que a terra é sagrada e que o contato direto com o solo pode ajudar a dissipar energias negativas e restaurar o equilíbrio espiritual. Rituais que envolvem pisar descalço na terra ou enterrar objetos são comuns nas tradições. Em algumas culturas, como no Brasil, as benzedeiras usam o chão como parte de seus rituais de cura, acreditando que a terra pode absorver as energias negativas que afetam o corpo e a alma. No espiritismo, acredita-se que a terra pode servir como um meio de purificação espiritual, especialmente em práticas que envolvem o contato com a natureza ou o uso de elementos naturais em rituais de limpeza energética.

Penso que se eu tivesse alterado a ordem dos exercícios, pudesse obter um resultado melhor em relação à perda de controle da atividade do fogo, motivada pelo estresse dos estudantes. Se executasse o exercício do fogo, os artistas poderiam chegar no mesmo pico emocional, porém se eu trouxesse o exercício do elemento terra em seguida, poderia fazer o experimento se a terra pode ou não influenciar no estado emocional. Após esse encontro, decidimos encerrar o processo, entramos de férias e ficamos apenas com a vivência, com a expectativa de retomar a montagem.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foi possível explorar a riqueza e a profundidade dos elementos da natureza como fonte de inspiração no processo criativo. A pesquisa evidenciou que a interação com o mundo natural não apenas estimula a imaginação, mas também proporciona uma conexão emocional e sensorial que favorece a criação artística e o desenvolvimento de ideias inovadoras.

Os elementos da natureza, como terra, água, fogo e ar, revelam-se como símbolos universais que transcendem culturas e épocas, oferecendo uma linguagem visual e conceitual rica para artistas e criadores em geral. Além disso, a observação e a vivência desses elementos promovem reflexões sobre nossa relação com o meio ambiente e sobre a importância de integrar práticas sustentáveis ao processo criativo.

A análise apresentada ao longo do trabalho reforça que o uso da natureza como base criativa não se limita à inspiração estética, mas também pode ser um ponto de partida para soluções práticas e transformadoras. Os elementos naturais têm o poder de despertar novas perspectivas e promover um diálogo entre o ser humano e o mundo ao seu redor.

Aqui também expresso a necessidade que sinto em repetir futuramente as experimentações aqui abordadas com um preparo maior, pois obtive muitas falhas ao executar o trabalho, penso que após escrever esta pesquisa pude amadurecer e aprender mais sobre os benefícios que os elementos da natureza podem trazer não só para a criação artística, mas para a vida cotidiana. Preocupa-me saber que a ausência desse contato pode trazer consequências severas para a saúde, como também me desperta o desejo de levá-lo para além da criação artística. Pego-me pensando em colaborar de alguma forma movimentando ações ecológicas e desenvolvendo práticas sustentáveis com o objetivo de mudar a realidade, pelo menos dos meus futuros estudantes, desempenhando o meu papel como educadora em alertar os meus alunos sobre todo o conhecimento e experiência que desenvolvi ao longo dessa pesquisa e de futuras que possam surgir a partir dessa.

Da mesma forma expresso meus sinceros agradecimentos não só aos mestres que me ajudaram no desenvolvimento dessa pesquisa, mas aos estudantes e artistas que se prontificaram a participar desse projeto, aos pesquisadores que tiveram esse olhar sensível à natureza e ao contato do ser humano com ela, que me inspiraram a descobrir mais sobre a importância dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 19, n. 1, p. 1–8, 2003.
- ALVA PERSONAL CARE. O que os elementos da natureza nos ensinam sobre autoconhecimento? 2024. Disponível em: <<https://alvapersonalcare.com.br/blogs/novidades/o-que-os-elementos-da-natureza-nos-ensinam-sobre-autoconhecimento>>. Acesso em: 05 de mar. de 2025.
- BACHELARD, G. A epistemologia. Tradução de Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Edição 70. Lisboa, Portugal, 2006.
- BACHELARD, G. A Poética do Devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BACHELARD, G. A Psicanálise do Fogo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BACHELARD, G. A Terra e os Devaneios da Vontade. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CAMERON, J. O caminho do artista: um caminho espiritual para desbloquear sua criatividade. Tradução de Leila Couceiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- LOUV, R. *Last Child in the Woods: Saving Our Children from Nature-Deficit Disorder*. Chapel Hill, N.C.: Algonquin Books of Chapel Hill, 2008.
- MARQUES, E.; PROETTI, A. Religiões como espaços para o exercício político do cuidado. *Revista Casa Comum*, 29 de ago. de 2023. Disponível em: <<https://revistacasacomum.com.br/religoes-como-espacos-para-o-exercicio-politico-do-cuidado>>. Acesso em: 05 de mar. de 2025.
- MAY, R. A coragem de criar. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, MMA; INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE, ICMBIO. 90% das pessoas querem mais contato com a natureza. 05 de set. de 2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/mais-de-90-das-pessoas-querem-mais-contato-com-a-natureza>>. Acesso em 30 de abril de 2025.
- MOURA, P. S. Psicologia aristotélica: a alma racional e a percepção sensorial. São Paulo: PUC-SP, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/psicologia.html>>. Acesso em: 18 de jan. de 2025.
- MUNDO EDUCAÇÃO. O fogo possui estado físico? UOL, [s.d.]. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/quimica/o-fogo-possui-estado-fisico.htm>>. Acesso em: 05 de mar. de 2025.

OLIVEIRA, D. Elementos da natureza podem influenciar emoções e até atitudes humanas. UOL Universa, 22 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/05/22/elementos-da-natureza-podem-influenciar-emocoes-e-ate-atitudes-humanas.htm>>. Acesso em: 24 de jan. de 2025.

OLIVEIRA, M. M. S.; VELASQUES, B. B. Transtorno do Déficit de Natureza na Infância - Uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem. *Revista Latino-Americana de Estudos em Educação*, vol. 2, n. 1, p. 220-235, 2020.

OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. Edição 15. Petrópolis: Vozes, 2001.

PALMA, A. A descoberta do oxigênio: uma ação entre inimigos. InVivo Fiocruz, 06 de dez. 2021. Disponível em: <<https://www.invivo.fiocruz.br/cienciaetecnologia/a-descoberta-do-oxigenio-uma-acao-entre-inimigos/>>. Acesso em: 5 de mar. de 2025.

PAZ, A. T.; JUSTULIN, E. F.; HIGUCHI, M. I. G. Conexão com a natureza e seus efeitos na saúde psicológica de crianças. *Ambiente & Sociedade*, vol. 25, n. 2, p. 1-19. São Paulo, 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/asoc/a/kJGY4tkHv5n8FGDrSCXcGqG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 22 de out. de 2024.

PAZ, D. T.; JUSTULIN, E. F. Z.; HIGUCHI, M. I. G. A conexão com a natureza em adultos de referência para crianças. *Ambiente & Sociedade*, vol. 25, n. 2, p. 1-19. São Paulo, 2022.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/asoc/a/kJGY4tkHv5n8FGDrSCXcGqG/?lang=pt>>. Acesso em: 5 nov. 2024.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, PNUD. Maioria dos brasileiros diz estar preocupada com efeitos da mudança global do clima na próxima geração. 04 de jul. de 2024. Disponível em: <<https://www.undp.org/pt/brazil/news/maioria-dos-brasileiros-diz-estar-preocupada-com-efeitos-da-mudanca-global-do-clima-na-proxima-geracao>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SALLES, C. A. Gesto Inacabado: processo de criação artística, 2004.

SALLES, C. A. Redes da criação. *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, n. 44, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177535>>. Acesso em: 15 de jan. de 2025.

SANTOS, V. S.; SOUSA, R. Composição química da água. *Mundo Educação*, 2022. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/composicao-agua.htm>. Acesso em: 5 mar 2025.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. Escolas de Natureza Especial. 20 de maio de 2024. Disponível em <<https://www.educacao.df.gov.br/escolas-de-natureza-especial-2/>>. Acesso em 30 de abril de 2025.

URQUIJO, S. Criatividade: relações entre as concepções fatorialistas e a piagetiana. 1996. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

APÊNDICE A - PLANO DE ENSINO 8º ANO “C”

AULA 02: 09/08/2022 (45 minutos)

Objetivos: despertar a percepção e a criatividade em cena e praticar a familiaridade com o espaço cênico.

Conteúdo: teatro Renascentista de Shakespeare.

Material: texto “Sonhos de uma noite de verão” (ato 1 cena 01) de William Shakespeare impresso.

Metodologia:

(a) Levar os estudantes para um local aberto onde eles possam entrar em contato com alguns elementos da natureza (vento, solo, luz...). Com os olhos fechados, cada estudante irá despertar os sentidos do corpo com a visão isolada focando apenas no sentir os elementos presentes no espaço e em como eles reverberam no corpo.

(b) Diálogo sobre o que cada estudante sentiu durante o exercício de percepção de sentidos.

(c) Fazer a leitura dramática do texto “Sonhos de uma noite de verão” (cena 1 ato 1) de William Shakespeare.

(d) Debater sobre o texto lido. Os alunos irão comentar sobre como compreenderam o texto e a personalidade de cada personagem.

Avaliação: participação nos exercícios propostos; e participação no diálogo (comentários, dúvidas, complementação na fala do colega...).

AULA 03: 16/08/2022 (45 minutos)

Objetivos: desenvolver a corporeidade no espaço cênico e aprofundar o conhecimento sobre o Teatro Renascentista de Shakespeare.

Conteúdo: Teatro Renascentista de Shakespeare: improviso; caráter popular e cômico.

Metodologia:

(a) Com base no que foi estudado na aula anterior, os alunos irão caminhar pelo espaço, na medida que forem caminhando pelo espaço haverá 4 comandos: (1) os alunos irão caminhar utilizando movimentos que reverberam o elemento ar; (2) os alunos irão caminhar utilizando movimentos que reverberam o elemento fogo; (3) os alunos irão

caminhar utilizando movimentos que reverberam o elemento água; (4) os alunos irão caminhar utilizando movimentos que reverberam o elemento terra.

- (b) A partir do primeiro exercício, os alunos serão divididos em 4 grupos. Será sorteado um elemento da natureza (terra, fogo, água, ar) para cada grupo. Cada grupo terá que criar uma cena improvisada utilizando movimentos que reverberam o elemento da natureza sorteado pelo respectivo grupo, utilizando a linguagem cômica do Teatro Renascentista.
- (c) Por fim, cada grupo irá apresentar a cena criada.

Avaliação: Participação e a conclusão da proposta cênica (verificar se os alunos utilizaram os elementos propostos para cada grupo e a linguagem cômica).

APÊNDICE B - PLANO DE ENSINO 9º ANO “A” E “B”

AULA 02: 08/08/2022 (45 minutos) e 09/08/2022 (45 minutos)

Objetivos: despertar a percepção e a criatividade em cena e praticar a familiaridade com o espaço cênico.

Conteúdo: teatro realista

Materiais: texto “Casa de Bonecas” (cena 02) de Henrik Ibsen.

Metodologia:

- (a) Levar os estudantes para um local aberto onde eles possam entrar em contato com alguns elementos da natureza (vento, solo, luz...). Com os olhos fechados, cada estudante irá despertar os sentidos do corpo com a visão isolada focando apenas no sentir os elementos presentes no espaço e em como eles reverberam no corpo.
- (b) Diálogo sobre o que cada estudante sentiu durante o exercício de percepção de sentidos.
- (c) Fazer a leitura dramática do texto “Casa de Bonecas” (cena 02) de Henrik Ibsen.
- (d) Debater sobre o texto lido. Os alunos irão comentar sobre como compreenderam o texto e a personalidade de cada personagem.

Avaliação: participação nos exercícios propostos; e participação nos diálogos (comentários, dúvidas, complementação na fala do colega...).

AULA 03: 15/08/2022 (45 minutos) e 16/08/2022 (45 minutos)

Objetivos: desenvolver a corporeidade no espaço cênico e aprofundar o conhecimento sobre o Teatro Naturalista.

Conteúdo: Teatro Naturalista.

Metodologia:

- (a) Com base no que foi estudado na aula anterior, os alunos irão caminhar pelo espaço, na medida que forem caminhando pelo espaço haverá 4 comandos: (1) os alunos irão caminhar utilizando movimentos que reverberam o elemento ar; (2) os alunos irão caminhar utilizando movimentos que reverberam o elemento fogo; (3) os alunos irão caminhar utilizando movimentos que reverberam o elemento água; (4) os alunos irão caminhar utilizando movimentos que reverberam o elemento terra.
- (b) A partir do primeiro exercício, os alunos serão divididos em 4 grupos. Será sorteado um elemento da natureza (terra, fogo, água, ar) para cada grupo. Cada grupo terá que criar

uma cena improvisada utilizando movimentos que reverberam o elemento da natureza sorteado pelo respectivo grupo, utilizando características do Teatro Naturalista.

(c) Por fim, cada grupo irá apresentar a cena criada.

Avaliação: participação e a conclusão da proposta cênica (verificar se os alunos utilizaram os elementos propostos para cada grupo e as características do Teatro Naturalista).